

BARULHOS DE GUERRA:

produção historiográfica baiana sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-45)

Geferson Santana de Jesus¹

Resumo: O presente artigo se propõe a construir um balanço da historiografia baiana sobre a Segunda Guerra Mundial, compreendida entre 1939 a 1945. Elencamos alguns elementos primordiais que precisam ser analisados nas teses, dissertações, livros e artigos dos historiadores baianos que contribuíram consideravelmente para o desenvolvimento de uma historiografia sobre a guerra, bem como sua compreensão a nível regional, analisando suas consequências, vantagens e repercussão na sociedade baiana. De forma secundária, apontaremos novos caminhos que precisam ser trilhados para além do que fora escrito por estes historiadores, muitos pontos sobre a guerra ainda precisam ser aprofundados e revisitados. Precisamos encará-la por diversos âmbitos, inclusive o político, e a pesquisa em curso se destina a considerar a política que esteve envolta do “segundo grande conflito mundial” que marcou profundamente o século XX de incertezas, agonias, ânsias, emoções e ira.

Palavras-chave: Bahia. Balanço Historiográfico. II Guerra Mundial.

Nos últimos dez anos a historiografia baiana sobre a Segunda Guerra Mundial tem crescido, mas a passos lentos. A Universidade Federal da Bahia e demais universidades de peso do país, tem demonstrado interesse no tema, mas no cenário baiano temos concentração de estudos apenas pela Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A história sobre a IIª Guerra vem sendo estudada de forma aprofundada pelos pesquisadores, mas ainda precisamos buscar novos objetos sobre a temática, tendo em vista que, no momento temos poucas teses e dissertações escritas sobre a “Segunda Grande Guerra” e sua repercussão na Bahia.

A Bahia esteve presente na historiografia sobre a guerra a partir da iniciativa de Consuelo Novais Sampaio, que escreveu o artigo intitulado “*A Bahia na Segunda Guerra Mundial*” publicado em 1996, e que se debruça sobre os efeitos da guerra na Bahia, começando pela sua repercussão e consequências na sociedade civil. O econômico, as arregimentações para a guerra, as movimentações populares e os intelectuais são os aspectos principais abordados por Sampaio. Outros historiadores e estudantes de História inspirados neste pequeno grande texto trouxeram novas perspectivas e objetos sobre a guerra.

Como segunda leitura “obrigatória”, temos o livro do historiador Luis Henrique Dias Tavares intitulado “História da Bahia”, onde em um de seus capítulos o autor traz algumas contribuições para a reflexão do século XX, e em especial no intitulado “*A República do Estado Novo na Bahia*”, onde foca do Estado Novo à entrada do Brasil na

guerra e conseqüentemente a luta pela anistia, apontando os principais elementos que levou o país a combater os países eixistas, inclusive a Alemanha com a qual mantinha relações comerciais e diplomáticas.

Compõe a lista de textos a serem analisados neste balanço historiográfico a tese de doutorado de Carlos Zacarias Figueirôa de Sena Junior “*Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível – 1936-1948*”, que tem como preocupação o estudo da participação dos comunistas do Brasil e da Bahia no contexto de guerra, assim como aborda o papel central do Comitê Regional (CR) do PCB na Bahia no processo de organização do movimento comunista no Brasil, enfatizando os incentivos do mesmo para a arregimentação das massas para o movimento anti-nazifascista. Da tese de Marina Helena Chaves Silva intitulada “*Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial*”, usaremos o capítulo quatro “*A Bahia na guerra: crise política, manifestações populares e outras mobilizações*”, no qual a autora analisa o impacto da Segunda Guerra Mundial no contexto baiano, e as principais medidas tomadas pelo Estado Novo contra os alemães, mas de acordo com Silva a intenção maior “é ressaltar aspectos referentes à produção da etnicidade” (SILVA, 2007, p.160).

Com grandes contribuições para o contexto de 1939/41, a dissertação de mestrado de José Carlos Peixoto Junior “*A ascensão do nazismo pela ótica do Diário de Notícias da Bahia – 1935-1941: um estudo de caso*” possui um capítulo nomeado de “*O panfleto de guerra*” e traz uma abordagem do momento em que a redação do jornal deixa de fazer propaganda para Hitler e seus aliados de maneira explícita. Isso acontece quando Antônio Balbino de Carvalho, redator-chefe toma posse do jornal em 1939 e o deixa apenas em 1942. Mas, nesse período de atuação do redator e seus colaboradores o autor defende em todo trabalho que o jornal passa a ter uma característica de “panfleto de guerra”, onde os discursos de Hitler e autoridades alemãs foram publicados diversas vezes, assim como estórias em quadrinho vendendo a imagem do ditador alemão e seus feitos militares. Isso naturalmente explica o título do capítulo, e a forma como o jornal estrategicamente contribuiu para o movimento pró-nazifascista na Bahia, e sem que as autoridades percebessem.

A análise desses trabalhos permitiu uma divisão dos elementos principais da guerra e sua repercussão na Bahia, abordando-os em três momentos: o primeiro compreende uma análise dos anos de 1939 a 1941, quando ainda na Bahia e no Brasil vigoravam propagandas anticomunistas; o segundo engloba as movimentações anti-nazifascistas, as movimentações para a guerra, as polêmicas levantadas por militantes

comunistas; o terceiro as movimentações e arregimentação dos baianos para a guerra no exterior, e o processo de reivindicação da anistia frente a repressão desencadeada pela ditadura varguista. Então, todos esses fatores serão pensados a partir da historiografia baiana existente.

Elucida Sampaio que nos períodos iniciais compreendidos entre 1939 a 1941 as informações chegavam a partir das mobilizações dos “*estrategistas de esquina*”². Estes estrategistas queriam que o Brasil continuasse “neutro”, porque o país tinha relações comerciais e diplomáticas com a Alemanha nazista³, mas segundo Tavares, logo a situação começaria a mudar, tendo em vista as grandes mudanças que o conflito mundial iria trazer para a Bahia e o Brasil⁴.

São poucas as pesquisas sobre o período de 1939-1941 no contexto baiano concernente a guerra, com exceção do trabalho desenvolvido por Peixoto Júnior e Sena Junior. O primeiro aborda a trajetória do Jornal Diário de Notícias e sua propaganda pró-Alemanha entre 1935-1941, já o segundo centra-se num primeiro momento nas prisões dos comunistas nos anos compreendidos entre 39 e 40, especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo, ocasionando assim verdadeiras perdas para o movimento comunista brasileiro com as prisões de militantes que traziam experiências da fracassada “Intentona Comunista” de 1935.

Na concepção de Peixoto Junior, no ano de 1939 o vespertino Diário de Notícias (DN) estava sob o domínio econômico, político e editorial de Antônio Balbino de Carvalho⁵, e ainda neste mesmo período o jornal fazia intensa investida propagandística sobre a expansão da Alemanha e da imagem de Hitler.

Ao que tudo indica, o Diário de Notícias atuou, entre 1935 e 1941, como o elo entre a Alemanha que se reedificava sob o signo da suástica e a colônia dos seus cidadãos na Bahia. Estivera a serviço da causa nazista numa cidade de majoritária população negromestiça. Tal aspecto, ao que nos parece, não se apresentou como obstáculo a cristalização desses ideais por parte dos homens que comandaram o periódico baiano no período em voga. Tanto Altamirando Requião quanto Antonio Balbino de Carvalho não esconderam em diversos momentos suas admirações pela "obra" que se construía na Alemanha. (PEIXOTO JUNIOR, 2003, p.11)

O DN tinha função meramente panfletária de 39 a 41, embora carregado de mensagem ideológica, não apenas internalizada nos discursos do ditador nazista que eram publicados na íntegra, mas, outrossim, por meio das imagens presentes nas histórias em quadrinho ofertadas aos leitores do vespertino. Por outro lado, não podemos esquecer que o DN ganhou caráter panfletário não por acaso em 39, mas pelo fato das relações diplomáticas e econômicas com a nação alemã estarem se

deteriorando⁶. O DN não demonstrará explicitamente seu apoio político ao III Reich, todavia, subtende-se que ao traçar as façanhas militares do líder ditador e suas propostas “felizes” para o mundo, sua mensagem de apoio esteja implícita.

Conforme indicado pelo autor, os temas regionais e nacionais envolvendo Brasil e Bahia praticamente não aparecem, por que o vespertino estava com sua atenção voltada para os temas internacionais sobre a “Grande Guerra”. Ao trilharmos a trajetória do DN traçada por Peixoto Junior, identificamos elementos de propagação anticomunista - com influências nacionais e locais - tendo em vista que o expansionismo bolchevique era uma verdadeira ameaça para a direita.

No que tange a posição dos Estados Unidos, até o ataque japonês a base de Pearl Harbor, no Hawaii, ocorrida em dezembro de 1941, o governo norte-americano mostrava-se ambíguo em relação ao Japão. Quanto a Alemanha Nazista, a despeito da disputa por áreas de influencia no comércio exterior, o movimento imperialista de Hitler era visto como um "antídoto" amargo mas necessário, que cumpriria seu papel de barrar o expansionismo bolchevique no continente europeu. Essa corrente de isolacionista foi predominante na classe dominante norte-americana até 1941 (Coggiola, 1995, p.32 in). (PEIXOTO JUNIOR, 2003, p.102)

Impedir a expansão da URSS era automaticamente na visão dos Anti-Komintern (como Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos e outros) enfraquecer o movimento comunista mundial. O jornal em análise alimentava uma propaganda anticomunista em suas páginas, devido ao medo do possível crescimento do comunismo nos países europeus, mas também regional, como os comitês regionais comunistas espalhados pelo mundo. O Comitê Regional (CR) da Bahia ocupou papel importante dentro do processo político de organização e articulação do PCB no Brasil⁷, todavia, isso não fora problematizado pelo Peixoto Junior, creio que pela questão de está focado em outros aspectos. Não podemos reduzir apenas a uma questão política todos esses acontecimentos, o econômico estava também por detrás das ações. A busca pela hegemonia econômica do mundo era uma preocupação constante de países como França, Inglaterra, Estados Unidos, URSS, Japão, Alemanha, todos em expansão imperialista.

Ao contrário dos anos anteriores, 1942 seria de intensa movimentação dos intelectuais, meios de comunicação, e demais setores da sociedade, em prol da destruição do nazifascismo, considerado “inimigo comum” de toda nação que prezasse pela liberdade e a democracia⁸. Mas, o que de fato excitaria o povo ao combate? Houveram grandes movimentações por parte de intelectuais e da população em 1942, e é por motivação destes movimentos que o Brasil declara guerra ao Eixo (aos inimigos

nazifascistas) em 22 de agosto de 1942. Essas movimentações de massas não acontecem do acaso, os alemães afundaram navios brasileiros em costa da Bahia e Sergipe, causando aproximadamente 600 vítimas entre mortos e feridos (TAVARES, 2008, pp.431-32), e assim, “nesses dias de agosto de 1942 começaram a se formar na cidade do Salvador organizações que tiveram grande atuação na campanha pela participação do Brasil na guerra [...]” (TAVARES, 2008, p.432).

Em Salvador, estudantes da Escola de Medicina, da Escola Politécnica, da Faculdade de Direito e do Ginásio da Bahia, juntamente com médicos, jornalistas, advogados e outros segmentos sociais foram às ruas exigir que o governo brasileiro declarasse guerra aos países do Eixo. Tavares afirma que a prisão de um estudante de medicina motivou a organização de uma passeata de protesto que saiu do Terreiro de Jesus e foi aumentando de tamanho à proporção que atingiu a Praça da Sé, Avenida Sete e São Pedro. Embora os manifestantes tenham sido detidos na Praça da Piedade, alguns deles conseguiram chegar ao Palácio da Aclamação. Na sacada, estavam Landulfo Alves, o Coronel Pinto Aleixo, comandante da VI Região Militar, o Prefeito de Salvador, secretários de estados e outras autoridades. (SILVA, 2007, p.161)

Marina Helena Chaves da Silva, afirma-nos que esses acontecimentos de 42, excitaram a população a se revoltarem contra os alemães, italianos e japoneses presentes no território baiano, nos movimentos antifascistas muito se incentivou a prática xenofóbica – o preconceito a todos os descendentes dos países eixistas, especialmente a Alemanha. Foram várias as ações e tentativas de fazerem os descendentes eixistas pagarem pelos estragos feitos pelos alemães aos navios da Bahia, não se resumindo apenas a nível material e financeiro, fora igualmente humano com muitas vidas ceifadas. “O decreto sobre ‘Indenização por Atos de Agressão’ foi uma das primeiras medidas tomadas contra os ‘eixistas’ (Alemanha, Japão, Itália e as forças colaboracionistas – grifo meu). Publicada no dia 11 de março de 1942[...]” (SILVA, 2007, p.162). Deste modo, nos anos que seguem os alemães não apenas teriam prejuízos materiais como as depredações das fábricas de charutos Danneman do Recôncavo, Salvador e demais filiais espalhadas pela Bahia, mas também de estigma, porque foram remanejados para várias cidades dos interiores previamente selecionadas⁹ como se fossem doenças perniciosas.

No campo da intelectualidade, existem poucos estudos aprofundados sobre a participação desses indivíduos, como eles polemizaram e dinamizaram, e o que eles escreveram para “combater” e “resistir” ao nazifascismo de Hitler e Mussolini e seus aliados. Muito se fala da participação destes, principalmente dos intelectuais ligado ao PCB na Bahia e no Brasil como demonstra Sena Júnior. Nos estudos futuros seria

necessário investir sobre os personagens, e todos os interesses que estavam por detrás da movimentação e organização para a guerra. Exemplo disso, temos o caso de Jorge Amado, que ao voltar do exílio em setembro de 1942, se junta ao jornalista e amigo Wilson Lins no jornal “*O Imparcial*” na luta contra o nazifascismo na Bahia e no Brasil na coluna intitulada “*Hora da Guerra*”, que alimentou até 1945 (SAMPAIO, 1996, p. 138).

Tivemos outros nomes importantes de comunistas baianos, como Jacob Gorender, Mário Alves, Manoel Caetano Filho e outros, que juntos ao Partido Comunista Brasileiro, uniram-se em prol da luta anti-nazifascista no Brasil, na América e Europa¹⁰. Muitos eram os meios de resistência, levando a mensagem de liberdade e democracia para todos os povos. No caso baiano, tivemos a forte contribuição da revista *Seiva*, fundada em 1938 pelo jornalista e comunista baiano João Costa Falcão, e que se tornou a principal porta voz do PCB no país e mais especificamente na sociedade baiana¹¹.

“[...]em janeiro de 1943, pelas páginas da *Seiva*, a União dos Estudantes da Bahia (UEB), entidade presidida pelo comunista Fernando Sant’Anna, publicava um manifesto intitulado “A juventude brasileira assume o compromisso público de lutar, na África, ou na Europa, ao lado das Nações Unidas”, onde se conclamava a juventude a ingressar nas Forças Armadas e cerrar fileiras com o governo em prol da Segunda Frente[...]”. (SENA JUNIOR, 2007, p.184)

Apesar da disposição dos movimentos incentivados e liderados em quase sua totalidade pelos comunistas, o sistema repressivo do Estado Novo não perdoou a revista *Seiva*, quando “em entrevista exclusiva à revista *Seiva* – registrada no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)-, o general Manuel Rabelo fez declarações que contrariaram os setores mais repressivos do Estado Novo. A revista foi proibida de circular e os seus exemplares recolhidos” (TAVARES,2001, p.435). Jacob Gorender, Wilson e João Falcão foram presos, o primeiro por editar a entrevista, e os dois últimos por serem seus redatores¹². Ainda era possível encontrarmos resquícios do passado acesos na memória de Getúlio Vargas e todos os grupos de direita anticomunistas do país, a ferida rasgada pela “Intentona Comunista” de 1935 ainda estava sangrando.

Os anos que seguem serão marcados por discursos de intensas movimentações de rua, não apenas na capital, como nas pequenas cidades do interior, como Cachoeira, São Félix, Santo Amaro, Feira de Santana. Diversos destes intelectuais se movimentaram, realizando discursos nas passeatas, nos almoços, respiravam a guerra, e tinham ódio mortal – era o caso de Jorge Amado – pelo nazifascismo. Conforme

Sampaio, dos vários movimentos surgidos para lutar física e ideologicamente contra o nazismo e o fascismo, alguns estiveram presentes no interior:

Em Vitória da Conquista, por exemplo, fizeram um ‘*imponente comício*’, marcado por ‘*intensa vibração popular*’. À noite, no cine local, organizaram uma ‘*hora de arte*’, na qual fez-se o elogio à democracia e condenou-se o nazi-fascismo. Mobilização semelhante teve lugar nas cidades de Itabuna e Ilhéus, liderada pela ‘Embaixada Landulfo Alves’. Em Feira de Santana, a segunda mais importante cidade do Estado, também foi realizado amplo comício, para a instalação da União de Feira de Santana pela Defesa Nacional e da Comissão Estudantil pela Defesa Nacional e Pró-Aliados. (SAMPAIO, 1996, p.140)

Entretanto, convenhamos que a resistência não limitava-se apenas às ruas, vários artigos, crônicas, poesias, manifestos, discursos, foram publicados pelos jornais da grande imprensa, como *O Imparcial*, *A Tarde*, revista *Seiva*. A Bahia fora o centro das grandes mobilizações e do processo de reconstrução do PCB no território nacional, após o estrago sofrido em 1935.

[...] ano de 1943. Na ocasião, discutiu-se, também, a campanha “pela abertura da uma Segunda Frente e pelo envio de uma Força Expedicionária Brasileira”, assim como a questão da “anistia dos presos políticos”. Segundo João Falcão, quanto aos dois itens da pauta política da reunião, “nós entendíamos que o povo brasileiro já havia tomado essa decisão nas praças públicas. (SENA JUNIOR, 2007, p.188)

Nos anos finais da guerra, no território baiano lutava-se pelo envio de soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para lutarem contra os países eixistas, e de fato isso aconteceu em meados de 1944. A luta pela anistia dos presos políticos, apresentava-se nos discursos dos militantes comunistas como uma decisão do povo. Estes foram os dois pontos principais defendidos pelos políticos comunistas, não-comunistas e sociedade civil nos anos de 44 e 45, tendo o apoio de Carlos Prestes que estava mediando as discussões e as movimentações ainda quando preso na “Casa de Correção” do Rio de Janeiro¹³ - este é solto apenas em 18 de abril de 1945, antes de Getúlio Vargas publicar a lei da anistia no Diário Oficial da União¹⁴.

Em 24 de março de 1945, no Distrito Federal, um comício foi realizado com a intenção de exaltar as vitórias da FEB e, “acabou transformando-se num grande ato pela anistia e pela libertação de Prestes” (SENA JUNIOR, 2007, p.252). A guerra não era neste momento um fator preocupante, pois as forças nazifascistas estavam em profunda decadência, e com isso, as forças populares por intermédio dos militantes comunistas estavam voltadas para outros fatores políticos, como a luta contra a repressão do

governo estadonovista e a luta pela “democracia” que aos poucos iam sendo conquistadas. Ainda segundo o autor “[...] se ‘anistia’ era mesmo a palavra de ordem do comício, os presentes puderam confirmar, já que todos os oradores abordaram o tema. Ao final do ato, a multidão entoou o bordão: ‘Nós queremos anistia e liberdade para Prestes’, segundo a imprensa, ‘por dez minutos’” (2007, p.253). E assim, iniciava-se, portanto, um novo momento para a vida política, cultural e social do país.

As conquistas obtidas pelas movimentações políticas de rua, nos jornais, e das demais formas de lutas legais, iam aos poucos de consolidando como o fato ocorrido no “dia 6 de junho de 1944, onde – gripo meu - tropas aliadas invadiram a França pela Normandia, abrindo, enfim, a Segunda Frente” (SENA JUNIOR, p.231). Muitas outras viriam com a ida dos brasileiros às trincheiras, demonstrando o amor e a crença que tinha na democracia e na liberdade da Humanidade. Muitos intelectuais comunistas se fizeram presente na Força Expedicionária Brasileira (FEB), notadamente Jacob Gorender e Ariston Andrade. Na concepção de Sampaio e Sena Junior, todas as reivindicações até então vigente, anistia, Segunda Frente, FEB, foram alcançadas pela força popular liderada majoritariamente pelos militantes comunistas.

Considerações Finais

Os estudos sobre a II Guerra Mundial na Bahia têm crescido nos programas de pós-graduação da Bahia e do Brasil, mas, ainda são muito poucos, se comparado às outras temáticas. A guerra é um tema inesgotável de objetos, e suas buscas precisam ser incentivadas pelos programas de pós-graduação das universidades estaduais, federais e privadas do país.

Pensando numa perspectiva de colaboração e incentivo a novos objetos de pesquisa sobre a “Segunda Grande Guerra”, nosso projeto de pesquisa está voltado para a repercussão da IIª Guerra Mundial na Bahia e a atuação dos intelectuais comunistas neste cenário de conflito. A proposta é entender como eles entendiam e recepcionaram a guerra, e quais foram os principais argumentos usados em seus discursos para mobilizar a população contra os nazifascistas.

As abordagens trazidas para esta nossa discussão são profundamente importantes e contribuíram significativamente para pensarmos sobre a repercussão da guerra na Bahia, e tomarmos consciência de que nosso Estado não estava fora do território brasileiro, nem tão pouco fora apático aos acontecimentos nacionais e internacionais. Fora daqui, que ecoaram como diria o militante comunista Falcão, os primeiros gritos de liberdade e democracia e luta contra “inimigo comum”. A sociedade baiana viveu

intensamente a guerra, participando das movimentações de rua, da política, e assim como os intelectuais comunistas e “não-comunistas” odiaram igualmente o “nazifascismo” e as forças colaboracionistas.

Para que acontecessem as movimentações em prol da causa anti-nazifascista no país, ocorreram diversas contribuições dos meios de comunicação, intelectuais engajados, partidários do PCB e demais facções ou partidos políticos colaboradores. Houve por parte do DN, *O Imparcial* e outros, no ano de 1939 e meados de 1941, a intenção de vender um discurso positivo sobre a imagem de Hitler, Mussolini, Salazar, Franco, e muitos outros ditadores adeptos do fascismo e do nazismo, e obviamente a América não estava isenta de suas paixões pelo fascismo, pois o modelo de Estado da década de 30 pensado para o Brasil e a Argentina era fascista.

NOTAS

¹ Graduando em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Integrante do grupo de pesquisa *Cultura, Memória e Política Contemporânea* (site: www.ufrb.edu.br/cmpe) e orientando da Profa. Dra. Lucileide Costa Cardoso. Contato: gfsdj@hotmail.com. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

² Sampaio não conceitua claramente, e nem trás informações sobre a identidade desses estrategistas de esquerda. As informações que temos é sobre seus posicionamentos políticos.

³ TAVARES, Luis Henrique Dias. A República do Estado Novo na Bahia. In: História da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 430 e ss.

⁴ Idem, pp.430-31.

⁵ PEIXOTO JUNIOR, José Peixoto. A ascensão do nazismo pela ótica do Diário de Notícias da Bahia – 1935-1941: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003, p.10.

⁶ “Ao longo do ano de 1939 a propaganda política do NSDAP no Diário de Notícias praticamente desaparece. Não sem razão. Conforme discutido na primeira parte deste capítulo, nesse ano as relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha atravessarão um processo de deterioração. A Delegacia de Ordem Política e Social (Dops) identifica a participação de elementos nazistas no putsch integralista de maio de 1938 (Silva, op., cit., p. 268) e o governo se põe em alerta quanto a movimentação do NSDAP no país”. (PEIXOTO JUNIOR, 2003, p.99)

⁷ Para melhor entendimento do processo, ver SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível – 1936-1948. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007. Ressaltamos que a tese fora publicada em forma livro pela editora Annablume.

⁸ Segundo João Falcão, líder comunista que viveu o período, foi na Bahia “*que partiu o primeiro grito de revolta contra o nazismo*” (FALCÃO, apud, SAMPAIO, 1996, p.136). Como bem aborda a autora a raiva dos comunistas (se organizavam clandestinamente) baianos fora tão intensa que fez com que estes depredassem bens de alemães na Bahia: “No dia 12 de março, os comunistas, que se haviam reorganizado na clandestinidade, levaram “*o povo às ruas, para demonstrar sua total repulsa aos agressores*”. A indignação, ante a passividade do governo, levou populares a depredarem a loja de charutos Dannemann & Cia., de descendentes de alemães. Foi grande a repercussão dessa manifestação no país”. Idem, ibidem, p.136.

⁹ “A medida foi justificada em função da necessidade de: “garantir a segurança nacional contra atividades perigosas de pessoas físicas ou jurídicas estabelecidas no Brasil [...] e reforçar o fundo de indenização dos prejuízos causados ao Brasil pelo torpedeamento de navios brasileiros”, mediante confisco de bens pertencentes aos súditos alemães e italianos”. SILVA, Marina Helena Chaves. Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II guerra mundial. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007, p.162. Ver também SAMPAIO, C. N. A Bahia na Segunda Guerra Mundial. Revista da Academia de Letras da Bahia, nº 42, mar., 1996. Salvador: Academia de Letras da Bahia.

¹⁰ SENA JUNIOR, 2007, pp.107-283.

¹¹ Idem, p.94.

¹² TAVARES, p.435.

¹³ SENA JUNIOR, p.202 e ss.

¹⁴ Idem, p.256.